

APRESENTAÇÃO

1) Importância do evento para o contexto da situação urbana brasileira

Vivemos em tempos de retrocessos e inflexões da democracia brasileira. Por um lado, temos uma carta constitucional que garante direitos individuais e sociais ao conjunto da sociedade. Por outro, esses mesmos direitos legalmente assegurados são feridos dia após dia por uma série de ameaças, como o abuso do poder econômico e apropriação indevida do interesse e do espaço público por grupos particulares. Para agravar essa situação, temos agora um governo sem legitimidade e sem interesse social, que já mostrou ao que veio, ameaçando cortar e já cortando de fato uma série de instrumentos e políticas sociais exitosas, que transformaram o Brasil num grande laboratório de transformação social na última década.

No período de dez anos a partir de 2002, um relativo consenso político foi construído em torno do grande flagelo social representado pela desigualdade brasileira, que passou a ser vista como um problema de Estado e, portanto, como um problema que requeria ações e programas estatais de vulto e articulados para ser combatido. Nesse sentido, ocorreu uma grande expansão dos serviços públicos em todas as áreas, com atenção especial aos setores de desenvolvimento social, educação, saúde e habitação.

Por outro lado, essas mesmas políticas de grande e relevante interesse social foram capturadas de diferentes maneiras por interesses particularistas, em especial os interesses da política personalista tradicional aliados ao grande capital rentista e financeiro. Dentro deste contexto, vale lembrar a importância para a democracia da proibição da doação de dinheiro por empresas para campanhas políticas. Portanto, por um lado temos um cenário de transformação social. Mas, por outro, de ameaças aos direitos já conquistados, que proliferam-se em cenas e narrativas de resistências, conflitos e violências.

A cidade emerge neste cenário como o grande ponto de encontro e, ao mesmo tempo, a grande caixa de ressonância das principais questões sociais da atualidade. A inclusão pelo consumo, resultado de uma visão que privilegia o egoísmo e a apropriação individual da riqueza como modo de acumulação por excelência, mostrou claramente seus limites ao se deparar com a grande, mal resolvida e pouco discutida questão do espaço público no Brasil: suas dimensões, seus defeitos e seus cerceamentos, mas também suas riquezas, possibilidades e esperanças. A cidade como espaço público, promotora e construtora da cidadania, foi posta em evidência e está em questão como nunca antes na história deste país.

No contexto de reflexão acadêmica sobre as cidades, seus novos significados, suas potencialidades e suas ameaças, surge com força o pensamento da professora e urbanista Raquel Rolnik, que hoje nos honra com sua presença. Ela dispensa apresentações para os estudiosos e interessados nas problemáticas urbanas, dada a abrangência e sistematicidade de seu estudo e reflexão sobre a cidade, o espaço urbano e o direito à habitação digna. Registre-se que seus estudos não se restringem ao Brasil - seja como professora universitária, seja como participante de inúmeras comissões e câmaras especializadas - como também como relatora especial das Nações Unidas para o direito à moradia adequada, que lhe dão credibilidade para uma análise verdadeiramente global da questão da financeirização da terra e da moradia e suas implicações para o direito à moradia e o direito à cidade.

Hoje teremos a oportunidade de refletir sobre um tema de natureza fundamentalmente econômica, mas que se tornou inescapável para quem busca pensar e refletir sobre as cidades e os espaços urbanos. É o tema da financeirização, em particular a financeirização da terra e da habitação e suas consequências para a moradia digna, de fato e de direito, para milhões e milhões de pessoas ao redor do mundo.

A crise financeira internacional de 2008-2009, a maior desde a Grande Depressão de 1929, desnudou a relação entre a financeirização das políticas habitacionais e suas devastadoras consequências sociais, não apenas dentro do país que foi seu epicentro, os Estados Unidos, mas rapidamente se alastrando para os demais mercados financeirizados e globalizados. O fato de o programa

habitacional *Minha Casa, Minha Vida* ter se originado como uma política anticíclica de inspiração keynesiana, como uma resposta à crise internacional, ilustra bem a dimensão internacional desse fenômeno.

Esses processos, conforme detalhados pela professora Raquel Rolnik em *Guerra dos Lugares* - são processos globais e profundamente locais, simultaneamente. Sua expressão mais nefasta se dá na forma de remoções, reintegrações de posse violentas resultando em famílias inteiras sem teto. Esta disputa é evidente quando se observa o absurdo déficit habitacional, de um lado, e por outro, o número superior de domicílios fechados, usados como reserva de valor ou para fins especulativos. Caso todos os domicílios atualmente fechados no país fossem usados pelas pessoas com déficit habitacional, ainda sobriam domicílios vagos, fato que ilustra de forma cabal o problema da desigualdade como questão central para a habitação no Brasil nos dias que correm.

Que outros mundos urbanos são possíveis dentro desse panorama? Quais alternativas nos são oferecidas? Podemos nos permitir desejar uma cidade melhor ou devemos nos conformar com a “força do dinheiro” e a desigualdade característica que o acompanha?

Refletir sobre essas questões é um dos principais objetivos deste evento e que o torna repleto de significado. A possibilidade de discutirmos os limites e as alternativas de que dispõe a realidade local e nacional na superação dessas questões críticas, tendo em vista que esses limites e essas possibilidades se inserem num padrão global de privatização, exclusão e financeirização dos espaços públicos, da terra urbana e da moradia. Compreender as facetas do capital financeiro, que encontrou nos estratos mais vulneráveis da população a possibilidade de sua expansão e reprodução, financeirizando o próprio acesso à cidade é uma questão fundamental para a proposição de ações para o seu enfrentamento. Devemos questionar quais são as representações de “cidade” em permanente disputa na produção do espaço urbano.

2) Porto Alegre: conflitos e espaço público

Diversas cidades do Brasil tem apresentado lutas, resistências, derrotas e algumas vitórias, que fazem com que a discussão técnica, social e política sobre os usos e destinos dos espaços públicos não seja uma novidade entre nós.

Em Porto Alegre, por exemplo, temos a disputa em torno da revitalização do Cais Mauá que já conta duas décadas. Está em vigor um consórcio para os próximos 25 anos que promete um shopping, restaurantes, 4 mil vagas para carros e a remoção de mais de 300 árvores. Em contraponto a este movimento especulativo que pretende negar o direito ao espaço público pela sua apropriação privada, temos o movimento Cais Mauá de todos, um movimento que vem promovendo diversas ações para impedir a continuação do projeto vencedor da licitação.

Entre as bandeiras desse movimento estão a defesa do espaço público, a manutenção do cais como um patrimônio histórico e cultural. O cais está desde 2013 fechado para a população. Uma das ações mais atuais do movimento foi protocolar, juntamente com alguns vereadores, uma PL para o tombamento do Armazém A7. Nessa luta, além do movimento Cais Mauá de todos, temos também o movimento “A cidade que queremos” que está organizando a 1ª Conferência Popular da cidade de Porto Alegre, dia 18 de junho.

É importante também citar as diversas ocupações que estão ocorrendo em Porto Alegre, nas escolas e em prédios públicos. No centro de Porto Alegre temos duas grandes ocupações: a Lanceiros Negros (que ocupa um prédio estadual que está vazio há mais de 10 anos pois não oferecia vagas de estacionamento), que recentemente venceu a batalha contra uma reintegração de posse. E a ocupação Saraí (que ocupa um prédio privado que está vazio também há mais de 10 anos) e que ainda tem seu destino indefinido, já que o atual governador José Ivo Sartori tem declarado que não vai dar continuidades às negociações para a compra do prédio, iniciadas no governo anterior de Tarso Genro.

Entre os exemplos de resistências vitoriosas da luta pela moradia temos, também no centro de Porto Alegre, os assentamentos urbanos: Utopia e Luta e o 20 de Novembro. Por outro lado, a cidade testemunhou grandes remoções, muitas

devido às obras da Copa do Mundo de 2014, como a da comunidade Vila Tronco, dentro da lógica de segregação espacial da cidade, forçando seus moradores a se mudarem para locais mais distantes e menos providos de serviços públicos e infraestrutura urbana adequada.

Essas diversas experiências vem demonstrando uma verdadeira disputa pelos espaços na cidade, cada vez mais movimentos sociais urbanos incorporam a pauta do direito à cidade, e, por outro lado, o capital imobiliário, os rentistas e as empreiteiras tem avançado em sua busca por novas formas de lucrar. Em que pese os diferentes níveis em que essas disputas se encontram, é de suma importância que a academia esteja inserida nesses debates, problematizando a atuação do Estado, e fomentando possíveis soluções para os entraves na questão política-urbana.

3) Importância de valorizar os pesquisadores brasileiros sem perder a capacidade de compreensão dos fenômenos globais aos quais estamos submetidos.

Antes de passarmos a palavra para a professora Raquel, cabe também destacar a importância ímpar deste evento no que tange a valorização da produção intelectual e crítica brasileira sobre a produção do nosso espaço urbano.

Na apresentação do livro “Guerra dos lugares”, Rolnik inicia citando a reação de membros do Partido Conservador Britânico, em que eles questionam sua visita naquela ocasião como relatora especial para o Direito à Moradia Adequada da ONU: “Como ousa esta mulher brasileira vir aqui avaliar a política habitacional do Reino Unido?”.

A referida fala representa uma lógica dominante, na qual intelectuais dos países em desenvolvimento são vistos na maioria das vezes em posição subalterna e, em outras tantas, sem legitimidade para dizer algo sobre a realidade social que ultrapassa as suas fronteiras. É comum, em muitos eventos, a supervalorização de rebuscadas teorizações de pensadores internacionais sobre a nossa realidade, nos quais importantes estudiosos brasileiros são deixados em segundo plano ou apenas mencionados.

Já é passado o tempo em que devemos valorizar nossos próprios pesquisadores. Felizmente hoje, no Brasil, profissionais de diversas instituições tem produzido vasto material sobre a temática das cidades, da habitação e da financeirização das políticas habitacionais e da própria produção do espaço urbano. Nesse sentido, o INCT Observatório das Metrôpoles, o qual Porto Alegre conta com um importante núcleo é um exemplo de destaque nessa área de estudos.

Nessa direção, a obra **Guerra dos Lugares**, se coaduna com nossos objetivos de pesquisa, sobre investigar a dinâmica de valorização fundiária ocorrida no Brasil na última década e seus impactos sobre o mercado imobiliário e o direito à moradia. A vasta obra sobre o tema da financeirização da moradia, tanto em escopo geográfico, quanto em profundidade de análise, permite desvendar as intrincadas conexões entre as políticas públicas, a produção das cidades e os circuitos globalizados do capital financeiro.

Um espaço público de fato público e uma cidade que de fato promova a cidadania são duas utopias - para resgatar essa palavra que precisa urgentemente voltar à tona - que se mostram possíveis ao aprendermos as lições que a professora Rolnik generosamente tem a nos oferecer.

Finalmente, uma palavra de agradecimento à professora em nome do grupo de pesquisa em **Economia Urbana e Direito à Moradia**, pela sua disposição em estar em Porto Alegre, compartilhando seu tempo e sua atenção também para os nossos problemas, acreditando que soluções podem ser encontradas e compartilhadas através da reflexão metódica e de ações coletivas.

Desejamos a todas e a todos os presentes, uma excelente noite de aprendizado, diálogo e de compartilhamento de experiências, ideias e ideais sobre as nossas cidades. Com a palavra a professora Raquel Rolnik!